

HABITANTES DA VILLA, E DA COMARCA D'OURIQUE!

OS acontecimentos, que tiverão lugar ultimamente, e produzirão a mudança da situação politica, em que nos achavamos, quando d'ahi parti no mez de Dezembro, para vir ao Parlamento, permitem, que eu vá abraçar a minha Familia, e que não torne a exercer um Lugar, que me foi imposto, em vingança de combater uma Politica desgraçada para o Paiz.

Grato a tantas provas de estima, e confiança, que me dêsteis, sempre vos conservarei na minha lembrança, e o Lugar de Ourique fará a recordação mais gloriosa da minha vida pública.

A saudade, com que vos digo d'aqui este *adeus*, não tem uma excepção! — Sendo extraordinarias as circumstancias, em que fui apparecer no meio de vós, — sendo immensa a agitação dos Partidos, á qual não fui indifferente, eu sahi d'ahi, sem deixar uma indisposição pessoal. —

Como Authoridade não conheci Partidos. — Fui justo tão rigorosamente, quanto o direito de cada Cidadão o exigia. — As côres politicas nunca estiverão pendentes como *emblemas* nas paredes do Tribunal; — e fóra do exercicio da Authoridade tratei a todos, como em toda a parte tenho tratado, sem distincção de Partidos, com a affabilidade, e acolhimento, que devem encontrar-se no Empregado público. —

Habitantes da Villa, e da Comarca d'Ourique, recebei os protestos da minha estima, e da minha saudade!! — O Céu vos abençõe, e vos continue a fazer dignos da Liberdade, e vos dê todas as venturas, que mereceis. —

Lisboa 3 de Junho 1846.

A. R. O. Lopes Branco.

Proclamação.

A JUNTA PROVISORIA DO GOVERNO SUPREMO DO REINO,
À NAÇÃO.

PORTUGUEZES! Os estrangeiros que vivem no Palacio, e os facciosos sequazes do Ministerio Cabral, commetteram o maior dos attentados. Cercaram a RAINHA, violentaram-na e extorquiram-lhe a sua Real Assignatura, prenderam o Presidente do seu Conselho para deprimir os Ministros, que tão lealmente a serviram, e nomearam outros, cujas intenções estão já manifestadas pelos seus actos.

O Ministerio suspendeu logo as garantias e a liberdade de imprensa, e dissolveu a Guarda Nacional.

E' este o Governo, que pondo na bôcca de Sua Magestade palavras

E' este o governo, que ponho na bocca de Sua Magestade palavras de mentira, acabava de prometter, que a mudança que se effectuava, não significava uma reacção contra o movimento popular!!! E' assim que os fementidos desmentem com a sua primeira obra a sua ultima palavra. E' assim que Conselheiros acreditam a Palavra Real.

D. MARIA 2.^a, a Herdeira dos Henriques, dos Avis, e dos Braganças, a Rainha Constitucional está prisioneira nos Paços onde reinava, na terra Portugueza!

A RAINHA em coacção? A Liberdade em perigo? Ha um sagrado dever para todos — Correr ás armas.

Portuguezes, ás armas! Ás armas pela Liberdade e pela Rainha. Portuguezes, ás armas até vencer! Nação briosa e heroica, alça o teu braço, e sejam supplantados todos os teus inimigos.

Viva a RAINHA!

Viva a CARTA CONSTITUCIONAL!

Viva o POVO PORTUGUEZ!

Viva o EXERCITO NACIONAL!

Palacio da Junta Provisoria 11 de Outubro de 1846.

*Conde das Antas,
Presidente.*

*José da Silva Passos,
Vice-Presidente.*

Sebastião d'Almeida e Brito.

Francisco de Paula Lobo d'Avila.

Justino Ferreira Pinto Basto.

HABITANTES DO DISTRICTO DE CASTELLO-BRANCO!

Um punhado de ambiciosos e perturbadores do socego, de que infelizmente goza este Districto, pertendem alterá-lo, fazendo espalhar noticias que não teem sembra de verdade. Acautelai-vos de seus embustes e desprezae suas suggestões que todas ellas se encaminhão a envolver-vos na anarchia, e besordem, e á desobediencia ao legitimo Governo de Sua Magestade A RAINHA.

Po-so affiançar-vos que todo este Districto gosa de perfeita tranquillidade, e que as tropas fieis ao Governo marchão animadas do melhor espirito para defender os dois charos Objectos da nossa veneração — RAINHA e CARTA. O triumpho não he duvidoso, os perturbadores se arrependerão em breve do nefando crime de sua desobediencia e attentados contra as ordens do Governo e prerogativas da Coroa.

Castello-Branco 26 de Outubro de 1846

O Governador Civil

Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas.

PROCLAMAÇÃO.

CIDADÃOS armados! E Soldados de Linha! O inimigo aproxima-se das Linhas desta Invieta Cidade; se elle atacar certamente terá a sorte daquelles que, ajudados de forças numerosissimas em 1832 e 1833, commetteram tal empreza.

Os valentes que, em Val-Passos, depois d'uma vil defecção, combateram com o maior denodo, que expulsaram o inimigo de suas posições, fazendo-lhe prisioneiros, que ficaram senhores do Campo da Batalha, e que só retiraram quando quizeram; acham-se nas Linhas. Elles, e os seus Camaradas, que, em circumstancias semelhantes, combateriam do mesmo modo, são os seus defensores. Certos devemos pois estar do resultado da peleja, se esta como desejamos, tiver lugar.

Resta-me sómente recommendar a todos os defensores da Cidade, o exacto cumprimento das ordens, e a subordinação, que a Lei militar exige: pois que, só assim, se pôde tirar da força armada todo o possível partido, para o bom resultado de qualquer empreza.

Quartel General da Casa Pia 8 de Dezembro de 1846.

Sá da Bandeira.

A SENTINELLA DA LIBERDADE.

Grande he a crize em que estamos collocados para tudo isto he mister empenhar todos os dos Oitenta lucta améica devarar esta Na. nossos esforços. Quando inimigos Lto encarniculas se dispõem a atacar-nos, prudência e collocarmos videtas que observem os seus movimentos, apre-nossa regeneração mercede a aprovação de tem os seus planos. Há esta a ardua tarefa de que vamos encarregar-nos. Posição melindrosa e arriscada e a nossa sempre id. Atalhe vigia prestruturados os deznos dos nossos contrarios, espe-derado, e cauteloso na sua marcha, Leis econo-deremos os seus passos e movimentos; equan-der sobre tudo a proxima reunião dos Repre-que, ou porqualquer modo nos querem hosti-der bella e experciados porvir. Esta missão de que voluntariamente

Triunfo sem mancha, hum governo molnos os deznos dos nossos contrarios, espe-derado, e cauteloso na sua marcha, Leis econo-deremos os seus passos e movimentos; equan-der sobre tudo a proxima reunião dos Repre-que, ou porqualquer modo nos querem hosti-der bella e experciados porvir. Esta missão de que voluntariamente

brilhante horizonte; o fero despotismo surgen os encarregamos ara bem do Paiz, e para se-der das trevas, e escorando-se na intriga vi etra-der o triunfo da canza Popular, nos decidio-der, ou nos Paços dos reis levantar der este nosso Periodico o titulo de SEN-der, com não descarnada, destruir a mais PINELLA DA LIBERDADE. Pobris-dermosa obra o que a virtude e o patriotismo-dermo de sciencia sahirá elle, pois que somos-dermo levantado. A Nação como espas-dermo os primeiros a patentiar nossa incapacidade-dermo a solta com massa e grito geral de ind-dermo a todos os respeito decide nos unicamente a-dermo a graça, o signal de alarme retumba com li-dermo a comprehendão longa e perigosa viagem o-dermo a vel rapidez do Minho ao Guadiana, a reacção-dermo a dezoje de pelear-nos com as armas da nossa-dermo a prepara-se, e eis em campo os dois partidos-dermo a profissão as batalhas da Patria, e ajudar com-dermo a beligerantes. Não sacrilega, acendeo o facho d-dermo a debru-dermo a guerra civil, ja do seio da Patria goteja o san-dermo a debru-dermo a que preciso que nos conserva a vida e quem-dermo a não vé que só esse Partido obsecado, estru-dermo a do a Nação, e que procura o seu interesse na-dermo a rmita gerado Paiz he o responsavel pelos ma-dermo a les que não de inevitavelmente seguir-se dali-dermo a ela, a que asua cega ambição nos conduzio?

Embora trovejem sobre a Nação as amecias, e os castigos que o Des-dermo a potimo inventa não nos intimidão essas violenci-dermo a as. A Nação quer ser livre, e quando um Po-dermo a te porventura temerario empenho pelas abali-dermo a zadas capacidades, que por dita honestão são-dermo a conquistas, não há força humana que ocon-dermo a terha; e qualquer resistencia não faz senão ap-dermo a que é da Patria, cumpre-lhe pois, onos os con-dermo a pressar e consolidar mais asua regeneração por-dermo a uramos aque nos auxiliem, não nos facultem-dermo a fructo de seus longos estudos, assim poderá-dermo a este nosso trabalho adquirir alguma importan-dermo a cia, e os vastos conhecimentos dos que Para-dermo a elle concorrerem em vez dos extinguem obse-dermo a cuos e agorados, cumpriro os degnos da-dermo a Providencia, empregando-se em beneficio do-dermo a genero humano.

Esses perfidos, que ousarão conspirar contra o throno, e contra a Nação, poderão il-dermo a ludir os incautos que hoje formão as phalan-dermo a ges do Despotismo.

Outros inimigos, ainda nos faldão, a quem é preciso fazer conter nos justos limita-dermo a tes da ordem, e da obediencia ao Governo Le-

Castello-Branco 19 de Dezembro de 1846

Eorão por extremo satisfactorias as noticias que recebemos no correio de quarta feira; por ellas podemos esperar ver em breve coroados da victoria os sacrificios, que tantos, e de tanta magnitude temos soffrido.

Pela seguinte expozição resumida das ditas noticias veraõs amantes da Liberdade, da Patria, e do throno que não são infundados nossos vaticinios, quando lhes promettemos um proximo triumpho.

O Casal tomando posição em S. Mamede de fronte do Porto em lugar das portas abertas, que lhe haviam promettido os traidores; encontrou as fortificações guarnecidas, um Povo inteiro cheio d'enthusiasmo e valor, jurando repelir dos muros da Cidade eterna o vandalo abominavel, achou seus cumplices prezos, os fundos e armamentos, que se destinavão para a consumação da caballa nefanda, na importancia de quatro contos de reis, e settecentos armamentos, a chousos confiscados, e empoder da Junta.

E que, a não ser este resultado, podia elle esperar? Não sabia que o genio da Liberdade, da Emancipação tem no Porto, o seu brilhante alicear? Que lá como em terra de prometta primeiro brotou, e criou pomposas folhagens a Arvore da Liberdade? Que será impossivel ao impotente braço d'um traidor arranca-la agora, de pois que o sangue de nossos Irmãos a tem fecundado?

As forças Populares do commando dos valentes Jozè Estevão, Galamba, e Mantas tem levado o grito da Patria até Mouta, Palmella, e Setúbal Petrificada de terror a Camarilha ao ver seu efemero dominio ameaçado de perto enviou contra as Legiões da Patria o seu commum pequeno contingente de varios corpos da Capital; esta dezafrontada da presença do barbaro, que pretendeo extoar o Povo, a regeneração, que forçosamente hade brevemente repelir dentro de seus muros, embora os despotas mandem outra vez fazer logo contra a população; suas ordens hão de ser impotentes como já o forão os Cidadãos armados de Lisboa, filhos do Povo respeitão seus Irmãos, reconhecem seus verdadeiros interesses, e não quizerão manchar-se com o crime de frateicidas.

Se o Saldanha fugir para Lisboa, como nos affirmão, será para se convencer de que nunca poderá realizar seu louco empenho, para reconhecer que a Patria, a quem trahiu, o condemna a um perpetuo os tracinismo, que o repelle do seu seio como ignobil o mais de seus inimigos.

A columna do Coronel Lapa a bandou sua Posição de Leiria e precipitadamente se recolheu ao Exército do Cantaxe, a bandonando ao Bomfim até o fornecimento que estava prompto para se distribuir.

A ultima hora.

O Bomfim está nas Caldas, a vauçando para Lisboa, O Saldanha faz as necessarias disposições para retirar para a mesma Cidade.

O Casal não avançou de Lega do Balio, tem sido esperado no Porto, onde lh'está preparado um bom acolhimento, mas nada; O homem tem medo, e que admira? Não é elle o cobard' Agrella?

As nossas forças populares já occupão Cintra.

PORTUENSES!

SOLDADOS E CIDADÃOS ARMADOS:

O INIMIGO, que ousou approximar-se de nossas linhas ficou petrificado diante dellas. Sabia que erão defendidas pelos heroicos Portuenses, e por outros valerosos filhos da liberdade. Bastou isso para fugir espavorido sem ousar disparar um só tiro contra ellas e contra nós.

A Junta agradece a devoção, o ardor, e o enthusiasmo com que todos á porfia correstes ao posto da honra e da liberdade!

Os inimigos da Patria adquirirão a convicção de que o Porto é invencivel.

Se um grande e poderoso exercito nos cercasse hoje, como nos cercou em trinta e dous, o Porto se defenderia agora com o mesmo ardor com que se defendeu então. O Porto é o Baluarte da Patria, o Gibraltar da Liberdade, Emulo de Saragoça, de Numancia, e de Sagunto.

Deus nos protege porque a nossa Causa é Santa e justa.

A Junta trabalha incessantemente na organização e disciplina das poderosas forças Nacionais, que lhe obedecem.

Cedo nossos valentes sahirão fóra destas linhas para castigar no campo os inimigos da Patria. Com o vosso valor nada é impossivel. O Ceo abençoará os generosos esforços dos valentes, e coroará as armas dos defensores da Liberdade.

CORAGEM E CONSTANCIA, E A NAÇÃO SERA' LIVRE.

Palacio da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino em 22 de Dezembro de 1846.

José da Silva Passos. — Vice-Presidente. — Justino Ferreira Pinto Basto. — Francisco de Paula Lobo d'Avila. — Antonio Luiz de Seabra. — Sebastião d'Almeida e Brito.

PHOTOGRAFIA DE SOUZA & FARIA
Rua do Almada n.º 139.

BRACHARENSES.

HUM desgraçado aventureiro, Mac-Donall, veio á vossa Cidade levantar o estandarte da rebellião, e rasgar as ainda mal cicatrizadas feridas das nossas dissensões Politicas de doze annos, após d'elle vierão homens miseraveis, incautos, e illudidos por falsas promessas, e alguns vossos Patricios degenerados a apoiarem seus iníquos intentos — Bracharenses — A vossa obediencia ao legitimo Governo de Sua Magestade a RAINHA vos dará toda a garantia, e protecção, e eu em Nome da mesma Augusta Senhora vo-la affianço. O Proscripto jámais poderá reinar entre nós por que a grande parte sensata da Nação o regeita e a Europa reprova.

Unão-se todos os Portuguezes amigos do Paiz em volta do Throno da Nossa Excelsa RAINHA — abatão-se as bandeiras do perjurio, e da revolta arvorada no Porto, e Santa-rem, e a Nação será salva, e ficará livre

VIVA A NOSSA AUGUSTA RAINHA.

VIVA A CARTA CONSTITUCIONAL.

VIVA EL-REI E A FAMILIA REAL.

VIVÃO OS BRACHARENSES.

Quartel General em Braga 22 de Dezembro de 1846.

Barão do Casal

M.^{al} de C. Com.^{te} da Divisão Fiel d' Op.^{na} do Norte.

PROCLAMAÇÃO.

HABITANTES DA PROVINCIA DO MINHO.

Todo o sangue que correio nas ruas de Braga, todo elle péza sobre um Estrangeiro sem credito, um homem sem Patria, e quatro mãos portuguezes que á força d' embustes sacrificarão vidas sem conto, interesses estranhos aos illudidos e meramente proveitosos para os illuseres. Sem vergonha, sem moral e sem virtudes, nem o desamparo das viúvas, nem as lagrimas dos Orfãos os tem feito desistir de seus tão impoliticos como depravados intentos, e a sua trombeta de morte inda hoje chama para o patibulo vidas alias dignas de bem melhor sorte.

Habitantes da Provincia do Minho. A derogação do scistema tributario e das Leis denominadas de saude, são concessões feitas que vos serão garantidas — Sua Magestade positivamente o affiança na sua Proclamação de 6 de Outubro ultimo. A Europa inteira outro Governo não reconhece que não seja o da Carta, e da RAINHA — nenhum outro vos convem, nem outro podereis ter: convencei-vos pois d' esta verdade, e reconhecendo um inimigo em cada um d' esses embusteiros que vos fallão outra lingoagem, e vos pregão outras doutrinas, fugi das Serpentes que vos devorão — o seu alito é tão pestifero que mata, — correi para mim que vos abro os braços d' amizade, e juntos comigo em volta do Throno e da Carta partilhai comigo e meus soldados a gloria de fazermos da familia Portuguesa, uma só familia, e toda ella de irmãos.

Habitantes da Provincia do Minho. S' escutando minha voz tranquilos aguardardes em vossos larcs as forças do meu cormando, encontrareis um amigo em cada um de meus soldados — se os esperardes com armas, a asolação e a morte apresentarão aos vindouros vestigios seguros da minha passagem pelas vossas terras.

Habitantes da Provincia do Minho. A Vossa RAINHA não só perdoa aos illudidos, mas até deseja ser clemente para com os criminosos, habilitai-a para que possa se-lo convosco — abandonai para sempre as bandeiras do crime, e dizei todos comigo.

VIVA A CARTA CONSTITUCIONAL.

VIVA A RAINHA A SENHORA D. MARIA 2.^a

VIVA SUA Magestade EL-REI o SENHOR D. FERNANDO

VIVÃO OS LEAS E VERDADEIROS PORTUGUEZES.

VIVA A BRIOZA DIVIZÃO TRANS-MONTANA.

Quartel General em Braga 26 de Dezembro de 1846.

Barão do Casal,

M.^{al} de C. Com.^{te} da Divisão Fiel d' Op.^{na} do Norte.

1847

86.

HABITANTES DO DOURO! Que desalento é o vosso? Não sois já Portuguezes? Não vos presaes de pertencer a um povo que teve sempre por timbre o amor e fidelidade a seus Augustos Soberanos? Não vos recordaes das heroicas acções de vossos antepassados, sempre dispostos a sacrificar as vidas pela gloria dos Imperantes, e pelas prosperidades da Patria? Quem vos tolhe pois o imital-os?... Não vedes um ignobil bando de entes degenerados, unindo a immoralidade á rebellião, e á malvadez a anarchia, comprazer-se de levar nosso malfadado paiz até ás bordas do precipicio?... Não vedes como, desprezando os públicos interesses, desprezam, e atacam igualmente os vossos, e os de vossas particulares familias!! Não vos surprendo em fim o atrevimento criminoso, com que rompendo e despedaçando todos os vinculos sociaes, levam sua malevolata atrocidade até o ponto de escarnecer a Lei fundamental do Estado, e de offender e desacatar a legitima auctoridade da RAINHA; não se envergonhando ainda de invocar sacrilegos Sen Augusto Nome para servir de instrumento a suas continuas iniquidades!!! Se pois tudo isto vos é patente, como os toleraes?... Como consentis entre nós esses monstros só para devorar-nos?...

HABITANTES DO DOURO! A Junta congregada na Cidade do Porto para animar á rebellião, não satisfeita com dispor dos rendimentos públicos para a seu capricho alimentar os tyrannos da Patria; não saciada com as immensas sommas extorquidas aos Bancos, ás Companhias particulares, ao Deposito publico, e até ao patrimonio dos innocentes Orphãos, arremessou suas criminosas extorções até á Companhia geral do Alto Douro; sim, essa detestavel junta lançou mãos destruidoras aos haveres dessa Companhia, unica esperanza de nossas damnificadas fortunas!!! E commettendo tantos crimes, qual outro não terá por leve?!

HABITANTES DO DOURO... Se um general estrangeiro ao serviço do usurpador, indifferente a nossos interesses, tanto como aos do nosso paiz, incendiou os armazens da Companhia, e arruinou nossas fortunas: agora um abjecto bando de famintos facciosos, desprezando todas as Leis, e invadindo todos os direitos, vai destruir esse interessante edificio até os seus mais firmes alicerces! Já dispoz dos cascos indispensaveis á conservação, e transporte dos vinhos para reforçar trincheiras: já em um só dia extorquiu mil pipas deste valioso liquido, fructo de nossas incansaveis fadigas, para o reduzir a dinheiro. E tudo para que!... Para perpetuar o crime, augmentar nossos infortunios, e demorar o justo castigo que os espera!...

Quem descontará agora os escriptos de venda de nossos vinhos?... O Banco Commercial por certo não; pois já essa infernal junta se apoderou de seus cofres. Como pois os outros meios quando de prompto os precisarmos para a cultura de nossas terras?... Quem comprará nossos productos?—Ninguém!... Os capitães desapareceram do giro, e sahiram com a maior parte de seus donos da nossa infeliz terra, unico modo de evitar novas extorções com maiores violencias e crueldades!...

A junta anarchica prometteo, e tem cumprido,—levar suas violencias até onde suas urgencias a conduzirem!... A que ponto a conduzirão ellas!... Não tardará por tanto que uma commissão expoliadora passe a tomar conta dos cabedaes que restam á já expoliada Companhia do Alto Douro. O mesmo aconteceu á Caixa filial do Banco de Lisboa, ao Banco Commercial do Porto, ao Deposito publico, ao Contracto do Tabaco, Sabão e Polvora, e em fim á Companhia das Minas, e a da Ponte Pensil! Não tardará por tanto a suspensão dos pagamentos daquella Companhia a particulares, como aconteceu a todas as mais. Que destino terao os fundos com que havia de pagar-se-nos? Com quaes se comprarão as vinte mil pipas que por Lei devem comprar-se?... Não se pague, não se compre!... Haja dinheiro para os sustentaculos da rebellião, e para os corifeos da anarchia... O mais nada importa!... Eis a resposta, eis a sorte que nos espera!...

HABITANTES DO DOURO... Um magote de revoltosos inimigos de Deos e dos homens, escoria infernal de toda a sociedade, attaca nossas fortunas, e vai lançar a miseria, e a dissolução no seio de nossas pacificas familias; faz perecer a nossos olhos os fructos de uma novidade de esperancosa; e em fim não ha atrocidade por maior que seja que baste a satisfazê-los. Haverá por tanto quem possa tolerar-os?!

HABITANTES DO DOURO... As emprezas bellicas dos Transmontanos, quando guiados pela razão, e pela justiça, nunca deixaram de ser gloriosas... Sobeeja-nos razão: não nos fallece justiça; e por tanto — ás armas!... Lancêmos para longe de nós esse bando de monstros que se abriga no Porto: voêmos a conquistar Paz para a nossa patria; socego para nossas familias; e gloria para nós, e nossos companheiros!

As armas, **HABITANTES DO DOURO**, As armas.

Um Lavrador do Douro.

HABITANTES DO DISTRICTO DE VIANNA.

Dignou-se a Nossa Augusta Soberana, Honrar-me com a sua confiança, Nomeando-me Governador Civil deste Districto por Decreto de 7 de Outubro ultimo.

Difficil he a commissão que tenho a desempenhar, e por ventura, nas actuaes circumstancias, superior ás minhas forças; mas, toda benéfica e paternal, está em harmonia com os sentimentos do meu coração, naturalmente brando e moderado. Convencido da importancia dos deveres a meu cargo, reconheço, e tractarei de cumprir a todo o custo a obrigação de zelar e promover os interesses do Estado, e dos meus administrados, de baixo dos principios salutare de huma politica moderada e conservadora, sempre em oppozição com o antiquado absolutismo, ou com as utopias democraticas.

Ao Governo, como seu representante, devo, e prestarei com lealdade, quanto em mim couber, todos os serviços que pode exigir de mim.

Aos meus administrados farei gozar, quanto me for possivel, os beneficios da missão administrativa, que me foi confiada, cumprindo á risca com todas as Leis protectoras dos direitos naturaes dos Cidadãos, e com aquellas que disserem respeito aos seus direitos politicos; empregando todas as medidas convenientes ao desenvolvimento da Instrução, da Agricultura, do Commercio, e das Artes; e sustentando, á custa de quasiquer sacrificios, a ordem publica, como base essencial da vida social, e da prosperidade dos povos.

A Policia será considerada por mim como essencialmente conservadora, e preservativa, para garantir o que for bom, e prevenir o que for máu, dirigindo toda a sua acção em protecção das pessoas e das propriedades. Só aos factos he que será applicada a sua autoridade: as opiniões dos individuos estão fora do seu alcance, salvo quando, manifestadas publicamente, poderem perturbar a ordem publica.

Todas as opiniões politicas, em quanto não degenerarem em crimes, serão por mim respeitadas, mas depois que a Lei as considerar criminosas, prestarei ao outro poder do Estado, unico competente para os julgar, todos os auxilios possiveis, a fim de que os delinquentes não fiquem impunes. Regulado por estes inalteraveis principios, empenharei todas as minhas forças para que os Empregados meus Subalternos os sigão rigorosamente, eerei inexoravel para com aquellos, que, com suas violencias e prevaricações, opprimirem os povos.

De baixo deste Programa, já por mim observado quando em circumstancias igualmente dificeis, tive a honra

deste Districto por Decreto de 7 de Outubro ultimo.

Difficil he a commissão que tenho a desempenhar, e por ventura, nas actuaes circumstancias, superior ás minhas forças; mas, toda benéfica e paternal, está em harmonia com os sentimentos do meu coração, naturalmente brando e moderado. Convencido da importancia dos deveres a meu cargo, reconheço, e tractarei de cumprir a todo o custo a obrigação de zelar e promover os interesses do Estado, e dos meus administrados, debaixo dos principios salutareos de huma politica moderada e conservadora, sempre em oppozição com o antiquado absolutismo, ou com as utopias democraticas.

Ao Governo, como seu representante, devo, e prestarei com lealdade, quanto em mim couber, todos os serviços que pode exigir de mim.

Aos meus administrados farei gozar, quanto me for possivel, os beneficios da missão administrativa, que me foi confiada, cumprindo á risca com todas as Leis protectoras dos direitos naturaes dos Cidadãos, e com aquellas que disserem respeito aos seus direitos politicos; empregando todas as medidas convenientes ao desenvolvimento da Instrucção, da Agricultura, do Commercio, e das Artes; e sustentando, á custa de quaisquer sacrificios, a ordem publica, como baze essencial da vida social, e da prosperidade dos povos.

A Policia será considerada por mim como essencialmente conservadora, e preservativa, para garantir o que for bom, e prevenir o que for máu, dirigindo toda a sua acção em protecção das pescas e das propriedades. Só aos factos he que será applicada a sua authoridade: as opinioes dos individuos estão fora do seu alcance, salvo quando, manifestadas publicamente, poderem perturbar a ordem publica.

Todas as opinioes politicas, em quanto não degenerarem em crimes, serão por mim respeitadas, mas depois que a Lei as considerar criminozas, prestarei ao outro poder do Estado, unico competente para os julgar, todos os auxilios possiveis, a fim de que os delinquentes não fiquem impunes. Regulado por estes inalteraveis principios, empenharei todas as minhas forças para que os Empregados meus Subalternos os sigão rigorosamente, e serei inexoravel para com aquelles, que, com suas violencias e prevaricações, oprimirem os povos.

De baixo deste Programa, já por mim observado quando em circumstancias igualmente dificeis, tive a honra de administrar esta importante Provincia, he que me proponho a entrar no exercicio das minhas attribuições; mas todos os meus esforços serão perdidos, se os Cidadãos d'este Districto, que tem a peito o bem do seu Paiz, me não prestarem a sua coadjuvação, como, por mutua conveniencia, reclamo, e espero.

Valença do Minho-4 de Janeiro de 1847.

O Governador Civil,

Francisco Manoel da Costa.

BOLETIM OFFICIAL

Telegrafo de Santo Antonio dos Olivares.

O Districto de Coimbra está sublevado contra a mudança ministerial. Reuniu-se o corpo Academico, e mobilisou-se a Guarda Nacional, e de toda a parte recebemos protestos de que as forças estão a marchar á primeira ordem para sustentar a causa do movimento nacional: e agora quatro e meia horas da tarde chega a parte Telegrafica do Porto annunciando que o Duque da Terceira fôra prezo, e que alli se installára uma Junta de que é Presidente o valente General Conde das Antas.

Honrados Portuguezes de todas as classes, Nobres, Plebeões, ricos, e pobres; Nação toda, heroica, e fiel a Deos e ao Rei: chegado é o tempo de pôr termo aos males, que te reduzião a um estado o mais lamentavel. Vinte e seis annos se contão, desde que o liberalismo, procurando illudir-te com promessas pompôzas de liberdade, de grandeza, e de fortunas, abriu o abismo espantoso, em o qual as suas vãs theorias finalmente te precipitão. Hũa desgraçada experiencia o prova; neuhũ das classes o desconhece! A mais vergonhosa escravidão succedeu à verdadeira liberdade, de que esta Nação gozava; a miséria, a pobreza, os assassínios, e males sem conto succederão a essa prosperidade, e grandeza, em que tanto floresceo outr'-ora esta Nação briosa. Por vezes a forma do governo tem sido mudado; molvados ambiciosos tem substituido às a outras constituições; mas nenhuma das quaes, que ao poder tem subido, deixão de forjar a Nação novas algemas; e de profundar o abismo, preparado por todos elles, para absorver em sua voragem ao honrado Povo Portuguez. Homens, indignos de chamar-se portuguezes, rebeldes a Deos, e ao Rei, e ingratos á Patria, pobres d'hontem, ricos d'hoje, fidalgos d'agora, taes os instrumentos da espantosa aggressão feita á Igreja, e á Patria. Insensatos, tão frivolos, como ignorantes, muito prometterão, nada cumprirão! As alfaias de muitos templos sagrados desaparecerão, os dinheiros do Estado forão preza d' harpias, que a nada perdoão; a nossa Religião Divina, tão antiga como o mundo, tem sido descaradamente blasfemada; o Clero vilipendiado; a mais esclarecida Nobreza olhada sem consideração; a Agricultura, o Comercio, e as Artes, sem protecção alguma; e finalmente a Nação Portugueza, cujos feitos asombrarão o mundo, hoje no estado da mais infeliz colonia; eis aqui, em resumo, os males, que na nossa Patria tem produzido o systema constitucional; systema impio, que declarou guerra á Divina Religião, pretendendo extingui-la; systema perverso, que desmoraliza a Sociedade; systema inconsequente, que, prometendo bens, só males é capaz de produzir. Portugal o experimenta; Portugal com dor por longos annos o sentirá.

A Época, porém, nos eternos Concelhos prescripta para a salvação desta Monarchia, que lhe é chára, e a quem servem de escudo as Cinco Chagas do Redemptor Divino, ao grande Afonso Henriques por Elle dadas como brazão; essa época felismente chegou. A's armas, pois Portuguezes briosos; ás armas todos a quaes, em cujo Coração ainda arde fogo sagrado do Amor de Deos; a chama do verdadeiro amor ao Rei Legitimo, o Nosso idolatrado soberano, o Senhor D. Miguel 1.º; todos a quaes, finalmente, a quem são claros os interesses da Religião, e da Patria.

Não, a fidelidade dos Portuguezes a Deos não permite, que por mais tempo elles deixem insultar o seu Nome sacro-santo; a fidelidade dos Portuguezes ao seu Rei legitimo não consente, que por mais tempo lhe seja usurpado um Throno, ao qual tem o mais sagrado direito.

Hum grito de salvação publica são ja na Real Provincia do Minho, Patria d' heroes; esse grito fez eco em todo o Reino: e parte desses despotas, que opprimião a Nação, alterado pelo clamor d' um povo oppresso, que se esforçava para sacudir o jugo pezado, que preparado lhe fora pela mais audaciosa tyrannia. Mas tantos e tão heroicos esforços, até aqui praticados, ainda não salvarão a Nação. Asalvação da Patria não pôde realizar-se, sem que o Throno seja legitimamente occupado; e restituído áquelle, que mui brevemente tereis a gloria de vêr no meio de vós. Desenvolvei pois a Nação maior energia, e empenhe ainda mais as suas forças, para confundir totalmente os inimigos de Deos, do Rei, e da Patria. Para isso uã nova Bandeira se arvorou, a cuja sombra ja militão honrados habitantes da heroica Provincia Trans-montana; e a qual devem gostosamente reunir-se os Portuguezes todos, que se prezem de merecer este nome illustre; Bandeira, a unica da Nação; por que é a do seo Legitimo, e adorado Rei, o Senhor D. Miguel 1.º; Bandeira de paz, e de união; destinada a reunir a familia Portugueza na defesa da Sagrada cauza da independencia, e da salvação da Patria. Eia pois, Nação heroica, avante leva o teu heroismo; e faz triumphar a cauza da Religião sobre as maquinacões da incredulidade; os direitos do teu Rei sobre as usurpações da democracia; as leis patrias sobre os delirios dos legisladores sem missão; e o bem da Patria sobre as theorias illusorias deste seculo de vertigem, e de crimes.

Illustres Cavalheiros Portuguezes, não seiais insensíveis aos males da Nação; reproduzi em vós os brios de vossos avoengos; emitaes em acção de nobreza. Auxiliai o povo, animaes com o vosso exemplo na Sancta cauza, em que se vai empenhar.

Militares de todas as armas, imitaí a heroicidade do povo portuguez, entre o qual tendes os vossos pais, irmãos, parentes, e amigos; o vosso nobre emprego é defender a Patria contra seus inimigos externos, ou internos; cumpri este dever, fazendo união com o povo, o qual hoje contra a mas vil facção combate; adexção da bandeira anti-nacional, que tendes seguido, é para vós uã virtude.

Povo Portuguez, que tão denodadamente empunhaste as armas, para salvação da Patria, não as deponhas, até conseguires a restauração, pela qual a Nação toda suspira. Povo Portuguez, que ainda as não impunhaste; a salvação da Patria reclama os teus sacrificios; une-te a teus irmãos, empenhados d' ora avante na completa destruição dos inimigos de Deos, e da Patria. Não temas os inimigos internos, assustados ja com o heroismo de vossos irmãos; nem os externos, com que as facções vos ameação; essa conhecida impostura, e fraude de vossos adversarios ja se achão desmascaradas por alguns jornaes estrangeiros; e bem provão a impotencia, que em si reconhecem, de fazer face com forças proprias ao vosso valor, ao heroismo, de que o Povo Portuguez é capaz.

Nação briosa, valente Povo Portuguez, á vossa frente vão apparecer Generaes conspicios, de caracter honrado, e sem mancha, para conduzir-vos á victoria; não temas a luta; e tremão os tyrannos, que na vossa frente osarem aprezentar-se. Segui os seus mandados, sede fieis ás suas ordens; e observando as respeitaveis determinacões do Nosso Augusto Monarcha, sendo valentes no combate, não deixeis de ser generôz na victoria; quaes quer que sejam os vossos inimigos, sendo Portuguezes, são irmãos vossos; e vencidos, como taes, devem ser tractados; a virtude não se concilia com a vingança nem a grandeza d' alma, com a vituperavel tyrannia.

Vós porém, Sacerdotes do Altissimo, Medianeiros entre Deus, e os homens; elevai perante a Magestade Suprema os vossos humildes votos, e supplicas incessantes, para que d' uã vez se suspenda o terrivel flagelo, que a pezada Mão de sua Justiça até a qui tem lançado sobre esta Nação sua; e para que triumphando ella contra os seus, e nossos inimigos, descançe por largos annos no seio da tão appetecida paz.

Povo Portuguez, triumpho por vós a Causa sancta de Deos, do Rei, e da Patria; e pelo vosso valor

deixarão de forjar a Nação novas algemas, e de profundar o abismo, preparado por todos elles, para absorver em sua voragem ao honrado Povo Portuguez. Homens, indignos de chamar-se portuguezes, rebeldes a Deos, e ao Rei, e ingratos á Patria, pobres d'hontem, ricos d'hoje, fidalgos d'agora, taes os instrumentos da espantosa aggressão feita á Igreja, e á Patria. Insensatos, tão frivolos, como ignorantes, muito prometterão, nada cumprirão! As alfaias de muitos templos sagrados desaparecerão, os dinheiros do Estado forão preza d' harpias, que a nada perdoão; a nossa Religião Divina, tão antiga como o mundo, tem sido descaradamente blasfemada; o Clero vilipendiado; a mais esclarecida Nobreza olhada sem consideração; a Agricultura, o Comercio, e as Artes, sem protecção alguma; e finalmente a Nação Portugueza, cujos feitos asombrarão o mundo, hoje no estado da mais infeliz colonia; eis aqui, em resumo, os males, que na nossa Patria tem produzido o systema constitucional; systema impio, que declarou guerra á Divina Religião, pretendendo extingui-la; systema perverso, que desmoraliza a Sociedade; systema inconsequente, que, prometendo bens, só males é capaz de produzir. Portugal o experimenta; Portugal com dor por longos annos o sentirá.

A Época, porém, nos eternos Concelhos prescripta para a salvação desta Monarchia, que lhe é chára, e a quem servem de escudo as Cinco Chagas do Redemptor Divino, ao grande Afonso Henriques por Elle dadas como brazão; essa época felismente chegou. A's armas, pois Portuguezes briosos; ás armas todos a quaes, em cujo Coração ainda arde fogo sagrado do Amor de Deos; a chama do verdadeiro amor ao Rei Legitimo, o Nosso idolatrado soberano, o Senhor D. Miguel 1.º; todos a quaes, finalmente, a quem são claros os interesses da Religião, e da Patria.

Não, a fidelidade dos Portuguezes a Deos não permite, que por mais tempo elles deixem insultar o seu Nome sacro-santo; a fidelidade dos Portuguezes ao seu Rei legitimo não consente, que por mais tempo lhe seja usurpado um Throno, ao qual tem o mais sagrado direito.

Hum grito de salvação publica são ja na Real Provincia do Minho, Patria d' heroes; esse grito fez eco em todo o Reino: e parte desses despotas, que opprimião a Nação, alterado pelo clamor d' um povo oppresso, que se esforçava para sacudir o jugo pezado, que preparado lhe fora pela mais audaciosa tyrannia. Mas tantos e tão heroicos esforços, até aqui praticados, ainda não salvarão a Nação. Asalvação da Patria não pôde realizar-se, sem que o Throno seja legitimamente occupado; e restituído áquelle, que mui brevemente tereis a gloria de vêr no meio de vós. Desenvolvei pois a Nação maior energia, e empenhe ainda mais as suas forças, para confundir totalmente os inimigos de Deos, do Rei, e da Patria. Para isso uã nova Bandeira se arvorou, a cuja sombra ja militão honrados habitantes da heroica Provincia Trans-montana; e a qual devem gostosamente reunir-se os Portuguezes todos, que se prezem de merecer este nome illustre; Bandeira, a unica da Nação; por que é a do seo Legitimo, e adorado Rei, o Senhor D. Miguel 1.º; Bandeira de paz, e de união; destinada a reunir a familia Portugueza na defesa da Sagrada cauza da independencia, e da salvação da Patria. Eia pois, Nação heroica, avante leva o teu heroismo; e faz triumphar a cauza da Religião sobre as maquinacões da incredulidade; os direitos do teu Rei sobre as usurpações da democracia; as leis patrias sobre os delirios dos legisladores sem missão; e o bem da Patria sobre as theorias illusorias deste seculo de vertigem, e de crimes.

Illustres Cavalheiros Portuguezes, não seiais insensíveis aos males da Nação; reproduzi em vós os brios de vossos avoengos; emitaes em acção de nobreza. Auxiliai o povo, animaes com o vosso exemplo na Sancta cauza, em que se vai empenhar.

Militares de todas as armas, imitaí a heroicidade do povo portuguez, entre o qual tendes os vossos pais, irmãos, parentes, e amigos; o vosso nobre emprego é defender a Patria contra seus inimigos externos, ou internos; cumpri este dever, fazendo união com o povo, o qual hoje contra a mas vil facção combate; adexção da bandeira anti-nacional, que tendes seguido, é para vós uã virtude.

Povo Portuguez, que tão denodadamente empunhaste as armas, para salvação da Patria, não as deponhas, até conseguires a restauração, pela qual a Nação toda suspira. Povo Portuguez, que ainda as não impunhaste; a salvação da Patria reclama os teus sacrificios; une-te a teus irmãos, empenhados d' ora avante na completa destruição dos inimigos de Deos, e da Patria. Não temas os inimigos internos, assustados ja com o heroismo de vossos irmãos; nem os externos, com que as facções vos ameação; essa conhecida impostura, e fraude de vossos adversarios ja se achão desmascaradas por alguns jornaes estrangeiros; e bem provão a impotencia, que em si reconhecem, de fazer face com forças proprias ao vosso valor, ao heroismo, de que o Povo Portuguez é capaz.

Nação briosa, valente Povo Portuguez, á vossa frente vão apparecer Generaes conspicios, de caracter honrado, e sem mancha, para conduzir-vos á victoria; não temas a luta; e tremão os tyrannos, que na vossa frente osarem aprezentar-se. Segui os seus mandados, sede fieis ás suas ordens; e observando as respeitaveis determinacões do Nosso Augusto Monarcha, sendo valentes no combate, não deixeis de ser generôz na victoria; quaes quer que sejam os vossos inimigos, sendo Portuguezes, são irmãos vossos; e vencidos, como taes, devem ser tractados; a virtude não se concilia com a vingança nem a grandeza d' alma, com a vituperavel tyrannia.

Vós porém, Sacerdotes do Altissimo, Medianeiros entre Deus, e os homens; elevai perante a Magestade Suprema os vossos humildes votos, e supplicas incessantes, para que d' uã vez se suspenda o terrivel flagelo, que a pezada Mão de sua Justiça até a qui tem lançado sobre esta Nação sua; e para que triumphando ella contra os seus, e nossos inimigos, descançe por largos annos no seio da tão appetecida paz.

Povo Portuguez, triumpho por vós a Causa sancta de Deos, do Rei, e da Patria; e pelo vosso valor seja para sempre confundida, e prostrada a infame democracia.

(Anno de 1846)

PORTUGUEZES

Viva a Sacro Sancta Religião Catholica Apostolica Ramana.

Viva o Senhor D. Miguel 1.º Nosso Legitimo Rei

Viva na sua auzencia, a Regencia em Nome d' El-Rei.

Viva o heroico Povo Portuguez.

Vivão os valentes Militares, que se mostrarem fieis a El-Rei.

PROCLAMAÇÃO.

PORTUENSES! A vossa Invicta Cidade é o berço da liberdade, e em todas as épocas o sustentáculo dos nossos foros constitucionaes. Na vanguarda dos valentes Povos do Minho soubesteis repellir o traçoeiro ataque a essa revolução heroica, que livrou a Patria da tyrannia. O momento em que se devia reformar a Carta, em harmonia com as luzes e necessidades do Povo, quando se deviam firmar as bazes d'um Governo justo, e respeitador da honra e da fortuna dos Portuguezes, é aquelle que a camarilha escolhe para a contra-revolução, e para nos preparar novos vexames, novos ferros!

Marcho, Portuenses, á frente do valente Exército, e confio em Deus, na santidade da causa do Povo, e na cooperação de todos os bons Portuguezes, para salvar a Rainha e a liberdade.

Ao intrepido General Barão d'Almargem confio a defeza do Porto, base das nossas operações militares, apoio dos briosos Povos das Provincias do Norte, que todos tem corrido ás armas, e por ultimo o baluarte inexpugnável das nossas liberdades.

Viva a RAINHA!

Viva a CARTA reformada!

Viva o POVO PORTUGUEZ!

Conde das Antas.

*João Prego e Mar carentan e Netto
Lacemmo e Mar carentan e Netto
Manuel Fralho e i Huer Linari
João e Augusto de Alvaro Netto
de Cortes e de Cortes p.º de Cortes*

Viva a RAINHA!
Viva a CARTA reformada!
Viva o POVO PORTUGUEZ!

Conde das Antas

Maio de 1846

80

HABITANTES DO DISTRICTO DE BRAGANÇA!

Uma facção egoista e oppressora, tinha empolgado o governo do Reino; e pondo em coacção a nossa adorada Rainha, a quem occultava as necessidades e supplicas de seus povos, não tratava senão de enriquecer-se, a si, e ao seu idolo — o Costa Cabral — carregando-nos de contribuições com que já não podíamos, e mandando-nos espingardear pelos seus soldados, quando tentavamos queixar-nos, ou usar de nossos imprescriptíveis direitos elleitoraes.

O nosso soffrimento chegou ao seu termo: quebramos as cadeas com que nosos oppressores nos prendião: mas estes vendo agora que já não podem combater-nos de frente, tentão vencer-nos com a astucia e o engano. Para conservarem seus empregos fingem que estão na causa do povo, e que abandonaram o Costa Cabral. “O povo é bruto e credulo — dizem elles entre si —; queimando-lhe as *papeletas* da contribuição de repartição e retirando-lhe o Costa Cabral, continuaremos a enganar-lo e opprimir-lo como até aqui..

Habitantes do Districto de Bragança! mostrai aos nossos oppressores que não nos enganão tão facilmente; e que não foi só para aquillo que o povo em toda a parte tomou as armas. — Queremos um ministerio patriota — queremos o pleno exercicio de nossos direitos de cidadãos livres — queremos redução nos empregados e ordenados; e diminuição nas contribuições — E conhecemos muito bem que nada disto podemos esperar de quem até hoje nos tem opprimido e vexado.

A Junta governativa da Provincia, eleita em Villa Real pelo povo, acaba de chamar para entre seus membros alguns cavalheiros deste Districto conhecidos como amantes e partidarios do povo; e tem nomeado as Authoridades, que devem governar-vos em quanto S. M. a Rainha, livre da facção que a cerca, e concededora de nossas verdadeiras necessidades, não nomea definitivamente aquellas.

Habitantes do Districto de Bragança! obedecci á Junta Governativa e ás Authoridades por ella constituidas, que se encarregaram de veillar pela vossa salvação, dirigindo vossos efforços: sem obediencia não ha governo possivel.

Tende confiança na Junta Governativa e nos seus Delegados. A' sua voz marchemos todas ás armas, que a causa é de todos. E unidos n'uma só vontade esmagaremos com braço de ferro todas as resistencias, e marcaremos á frente de nossos inimigos com o ignominioso ferrete de traidores e oppressores de seus concidadãos.

Os soldados dos corpos acantonados neste Districto são todos vossos irmãos e vossos fillos; sahiram do povo e para elle tem de voltar: não serão tão estupidos nem tão malvados que hajão de espingardear seus pais e seus irmãos. E se a cegueira e a pertinacia chegar a tanto, mostraremos a nossos oppressores, que os habitantes do Districto de Bragança tambem são transmontanos, e não desdizem ainda do nome de — Valerosos — que por tantas vezes tem merecido, nem ficão atraz de seus irmãos do Minho e da Beira: e um dia virá em que a Nação peça contas do sangue derramado aos officiaes commandantes dos corpos, e aos oppressores de todas as classes.

Habitantes do Districto de Bragança! União: porque della provem a força. Ordem, e obediencia: para que o vosso triumpho seja puro, e sem mancha. E Deos abençoará a causa do povo.

VIVA A CARTA CONSTITUCIONAL DA MONARCHIA.
VIVA A RAINHA SENHORA D. MARIA SEGUNDA.
VIVA O PRONUNCIAMENTO DO POVO PORTUGUEZ.
VIVA A RELIGIÃO SANTA DE NOSSOS PAIS.
ABAIXO OS TRAIDORES.

Porto, Maio de 1846

96.

SOLDADOS PORTUGUEZES!

A esta hora não são já sómente as Provincias do Norte, que tem proclamado a firme resolução de recuperar por qualquer modo os seus sagrados direitos, infamemente violados por uma facção immoral e aborrecida. E' já o Reino inteiro — são tres milhões de habitantes: e quando uma Nação se pronuncia, e decide de um modo tão geral, *unanimemente*, e *solenne*, não ha poder sobre a terra que possa fazer-la retrogradar. E sereis vós, Soldados Portuguezes, que ousareis levantar o ferro parricida contra vossos pais fillos, e irmãos? Não é possivel. Abandonai os perversos que pertendem illudir-vos, e compellir-vos a continuar na mais deploravel, e criminosa obstinação. Vós não sois mais do que Cidadãos, como os outros; e essas armas, que a Nação vos confiou, não podem ser convertidas, sem deshonra e sem crime, contra essa mesma Nação, a que pertenceis. A obstinação não serviria a final senão de levantar entre vós, e o povo uma barreira de odio e de aversão, que o forçaria a declarar-vos uma guerra de exterminio — enjo resultado poderá, sim, demorar-se alguns dias, custar mais algum sangue, mas que a final se hade declarar pela Nação — porque a Nação são tres milhões de habitantes, e vós sois apenas alguns milhares.

Soldados Portuguezes! — Não deis ao mundo exemplo tão vergonhoso — não se diga, que depois de terdes feito tantas revoluções, sómente receaes adherir á primeira, que foi feita pela Nação e a qual já abraçardes os illustres Generaes Visconde de Vinhaes, Barão da Varzea do Douro com as tropas de seu Commando; o Tenente Coronel Horta com o Regimento d'Infanteria 17: e o Batalhão d'Caçadores n.º 8. Não se diga que tendes cerrado o coração a todos os sentimentos de honra, e virtude para sustentar a meia duzia de ambiçãos, que pertendem servir-se dos vossos braços, fazendo reviver a politica desastrosa desses ministros, que S. M. acaba de dimittir cobertos de infamia, em outros que valhão o mesmo, e só dellão em nomes!

Soldados Portuguezes! A illusão não pôde continuar — ainda é tempo: abraçai a causa sagrada, que a Nação tem proclamado, e abandonai sem demora os traidores que pertendem illudir-vos. Mais um momento, mais um dia de hesitação — poderá ser a vossa total ruina.

VIVA A CARTA CONTITUCIONAL!
VIVA A RAINHA!
ABAIXO O MINISTERIO CABRALISTA!
ABAIXO OS EXCESSIVOS TRIBUTOS!

720

*JOSE BERNARDO DA SILVA CABRAL, Ministro e
Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justi-
ça etc. etc. etc.*

HABITANTES da Provincia do Minho! Revestido por SUA Magestade FIDELISSIMA, A RAINHA, de poderes extraordinarios e discretionarios por Carta Regia de 21 de Abril, a fim de debellar a revolta, que tem grassado em alguns logares da Provincia do Minho, he com grande mágoa, que tenho sido testemunha do desvario, a que se tem arrojado alguns habitantes desta Provincia, seduzidos por mal intencionados, que, abusando da boa fé dos Povos, os tem excitado a praticar actos criminosos contra a Ordem Social, resistindo ás Authoridades, a quem lhes cumpria obedecer.

Os males que os amotinados tem causado á Provincia e a si proprios são já incalculaveis. — Foragidos; — odiados de todos; — e perseguidos pelas tropas fieis, em breve se verão abandonados pelos seus proprios chefes, que os tem arrastado a tantos crimes.

Habitantes do Minho, que tendes seguido a revolta! atendei á minha voz! Eu vos chamo ao vosso devêr; — reconhecei o vosso erro; — despresai as sinistras insinuações d'esses agitadores, que só querem perder-vos! — Recolhei-vos a vossas casas, e recebereis das Authoridades protecção e benevolencia; mas não esperem compaixão aquelles que não entrarem immediatamente no seu dever, respeitando as Authoridades. Sobre elles cahirá irremissivelmente o castigo da Lei. Porto, 7 de Maio de 1846.

José Bernardo da Silva Cabral.

90

PORTUGUEZES:

Os males que affligem a Nação Portuguesa, tão merecedora de ser livre e feliz, magoam profundamente o Meu Coração.

Os queixumes do Povo não podem deixar de ser por Mim attendidos, desde que chegam ao Meu conhecimento.

O estado da Nação imperiosamente exige a applicação de remedios promptos e efficazes, de que o Meu Governo vai incessantemente occupar-se.

A Sessão ordinaria das Côrtes será immediatamente encerrada.

As Leis de Saude Publica e da reforma do Systema Tributario, vão ser abolidas por um Acto Real, que em tempo competente será levado ao conhecimento das Côrtes.

A opinião pública illustrada, o melhor conselheiro nos Governos Representativos, servirá de farol ao Meu Governo; e a Imprensa livre ficará em exercicio desde já.

Portuguezes! O restabelecimento da ordem e o respeito ás Leis é hoje a primeira das necessidades; e o Meu maior desejo consiste em que cessem os desastrosos effeitos das publicas inquietações. Esta condigão é indispensavel para que o Governo possa occupar-se, com urgencia, e ao mesmo tempo com desafogo, de quantas providencias se carecem para que os Povos realmente gosem dos beneficos effeitos da Carta Constitucional.

Os Meus actuaes Ministros são por Mim encarregados de formar as Propostas de Lei, que mais tendam a conseguir a economia na Fazenda Publica, e a satisfazer ás principaes necessidades da Administracão e Justiça.

A Representação Nacional será convocada assim que a tranquillidade do Paiz o permitta; pois só então póde esta Representação ser verdadeira, e tractar competentemente dos negocios publicos.

Portuguezes! Confiai em Mim, bem como Eu Confio nos brios d'esta Nação, que com tanto denodo e lealdade restaurou a Minha Corôa e as Liberdades Patrias; cuja guarda e conservacão são objecto da Minha maior sollicitude.

Paço de Belem, 21 de Maio de 1846.

RAINHA.

**Duque de Palmella.
Duque da Terceira.**

Portuenses!

Chegou a hora de cessar a anciedade pública; SUA Magestade A RAINHA, tomando em consideração as Representações que Lhe fôrão dirigidas, Houve por bem dar a demissão a todo o Ministerio; encarregando da formação d'huma nova Administração a S. Ex.^a o Duque de Palmella, que já havia chegado a Lisboa, vindo da sua quinta do Calhariz, onde se achava.

Na Capital, e nas Províncias do Sul tem reinado a mais completa tranquillidade, com manifestas demonstrações do maior contentamento e fidelidade ao Throno de Sua Magestade, A RAINHA, e da mais firme adhesão á Carta Constitucional, Lei fundamental da Monarchia, que para ser integralmente respeitada, exabunda em innumeraveis documentos historicos.

Em breve serão conhecidos os nomes dos que vão tomar o encargo de dirigir os destinos da Patria, e de melhorar a sorte dos povos; e não duvidemos de que merecendo elles a confiança da Soberana, se farão credores das benções públicas pelas salutaes providencias, que immediatamente serão adoptadas, e altamente reclama o bem do paiz.

Aguardai por tanto as ultiores disposições do Throno; conservai o socego e tranquillidade que tão heroicamente tendes mantido; ajuntando mais hum acontecimento aos muitos, que fizeram galardoar esta Cidade com os honrosos Titulos de SEMPRE NOBRE, SEMPRE LEAL, e ultimamente INVICTA.

Porto 21 de Maio de 1846.

O Governador Civil
Conde de Terena, José.

O Commandante da 3.^a Divisão Militar
Visconde da Fonte Nova.

AO PUBLICO

He mister que o publico saiba qual he a causa donde provem o estado actual das cousas do Porto. A primeira Auctoridade Administrativa, ninguem o pode duvidar, he um cavalheiro distincto e probo; mas pouco experiente da administração dos negocios publicos, e gasto do corpo e alma pelos annos e pelas molestias, acha-se completamente dominado por um accessor, cuja missão do modo mais claro se revela ser a de entorpecer a revolução na sua brilhante carreira, e entregar aos Cabraes que cá ficaram a direcção dos negocios publicos, até que aquelles, serenada a tempestade, possam tornar a exercer o seu paternal governo. Em todo o tempo que tem decorrido desde o dia 24, em que o novo Governador Civil tomou posse do seu cargo, muito se podia ter feito a pró da sustentação do grito nacional; e contudo, apenas *pro forma* se nomearam dois Administradores dos Bairros, dos quaes um, aliás excellente homem, he um modelo de inercia, e o outro por tal modo reconhece a falsa posição em que se achava, que pediu a sua demissão; e como esta lhe fosse negada deo parte do doente! Tirando isto, que nada he, em tudo o mais a maquina governativa que os Cabraes aqui levantaram acha-se organizada no mesmo pé. Conserva-se a Camara de 27 de Janeiro com todos os seus odiosos caracteres e a sua turma de caceteiros: conserva-se o Governo Civil e todas as outras repartições com todos os satellites e sicoplantas dos mesmos Cabraes: conserva-se a autoridade militar, e os commandos dos corpos, nas mãos dos mesmos homens que fizeram montar ao povo, e assolaram uma Provincia inteira: conserva-se um Administrador que ainda na vespera da sahida do feroz José Bernardo agarrava o pacifico e probo cidadão José da Silva Passos; e para dizer tudo d'uma vez, o Governo Civil da Torre da marca, posto que abaixasse a bandeira e despisse as insignias, continua a funcionar do mesmo modo, e a preparar uma reacção por meio d'agentes bem conhecidos que levam a audacia até o ponto de frequentarem os quartéis á hora do dia, fazendo-lhes muitas vezes n'um mesmo dia, dez e mais visitas! Esta immensa actividade faz o mais solenne contraste com a estúpida apathia do Governador Civil, ou antes do seu perdido conselheiro, apathia que chega ao ponto de, n'uma Cidade tão populosa como esta, não haver desde Domingo a esta parte um unico cabo de policia que vele pela segurança publica.

Sabedores de tudo isto, os Commandantes das forças populares estacionadas em torno desta Cidade, tem forcejado por transtornar o plano tenebroso que todo este procedimento revela. A esse fim tem-se feito diversas conferencias, nas quaes o famoso *mentor* tem empregado todos os ardis os mais infames, sem exceptuar os da mentira e da sisania para espagar uma conclusão final, e por meio do cansaço dos povos fazer entrar a torrente da revolução no leito tortuoso e immundo que o *engenheiro* para aqui mandado pelo *Regente* dos Cabraes lhe tem demarcado. Na ultima conferencia que tiveram já elles (os Commandantes dessas forças) se contentavam com o prompto chamamento das guardas nacionaes; e adoptada esta medida empenhavam elles a sua palavra de se retirarem promptamente; mas nem isso mesmo conseguiram, isso que aliás era tão pouco, e que por outra parte estava na orbita da Lei, porque ainda não houve nenhuma que extinguisse aquelles corpos. E não só isso lhes não foi concedido, mas o que é mais, tendo-se prometido um vapor para ir a Lisboa levar a representação dos chefes populares, a isso mesmo se faltou depois. Para cumulo da infamia trata-se agora de seduzir alguns desses chefes com empregos lucrativos. Liberaes em promessas que não fazem conta de cumprir, todos os seus esforços se dirigem a arredar d'aqui o unico penhor de segurança que temos contra essa força de janisaros que asoberbam esta Cidade!

Porto! Tu estás trahido!; mas a traição he-te denunciada a tempo de te poderes acautelaz.

Porto 29 de Maio de 1846.